

ÍNDICE

O Oriente do Real.....	13
Vinte e Dois Breves Tratados Incoeristas.....	25
O Oriente do Real – Comentários.....	97
O Eixo do Real.....	99
A Terceira Via ou a Arte da Liberdade Absoluta	107



A DEMANDA ESSENCIAL

A Demanda essencial é a do acesso ao sem-acesso. A Demanda do Real é desesperançada. É preciso abandonar a esperança, incluindo a de que “eu” se possa tornar “Isso”: um desperto, um semi-deus... É preciso abandonar tudo, incluindo o *mim* (pois, na verdade, não há diferença entre “eu” e “isso”). O abandono da esperança não nos instala em parte alguma. Não há esperança, não é possível alcançar outra coisa senão o que está aqui, agora! Vazio do não-vazio, Não-vazio do vazio.

O MISTÉRIO

Ancorado no eixo, movido pela vida, orientado para o único, mas cavalgando todos os múltiplos, eu nunca cesso de ter acesso ao inefável. Aqui onde Eu Sou está a fonte, a via, o alvo. Posso tomar todas as formas sem estar reduzido a elas. Não há nada a acrescentar.

A LIBERDADE COMO ATITUDE

A liberdade é a única atitude realmente iniciática: ela axializa o ser, dá vida ao essencial e permite todas as possibilidades. Ela é o supremo reconhecimento do Real pelo próprio. Uma vez “estabelecida”

a não-esperança, uma vez “estabelecido” no intervalo, o Real surge através das situações, das pessoas, dos gestos essenciais. Não procureis realizar seja o que for, as coisas são ou não são. Existe apenas o espaço de liberdade.

A TERCEIRA VIA

A única escolha (que cremos ter; mais uma crença!), escolha fundamental e irremediável, é a do despertar súbito ou do despertar progressivo: renunciar a toda a esperança ou entrar no jogo (incluindo o jogo do “*trip*”¹ iniciático). Parece que há uma terceira via, a de uma mecânica quântica que utiliza a energia do *ego* para deixá-lo dissolver-se, acto fundamentalmente contraditório de esperança louca, de liberdade absoluta. Este acto convém àquele que entra no jogo sabendo que nunca é, nem nunca será, necessário empreender qualquer viagem; que, aliás, não levaria a lado nenhum.

ELOGIO DA LOUCURA DO REAL

O espírito humano não pode apreender, nem mesmo conceber, uma unidade intemporal, indivisível

¹ Nota do Tradutor – Em inglês, no original.

e imutável, que, ainda por cima, tem a faculdade de se apresentar, a cada instante, através de formas continuamente mutáveis e contraditórias. Querer aceder ao Real (seja qual for o nome que se lhe dê: *Deus, Si, Grande Arquitecto, Não-Ser...*) é uma operação insensata, pois o Real não pode ser definido como um objecto, um conceito. Nada lhe sendo exterior, coisa nenhuma o pode circunscrever fora de si próprio. O espírito humano não pode sair racionalmente desse impasse: o Real é, está, aqui e agora, e ainda que seja para sempre inacessível, fora dele nada tem valor, sentido ou existência.

Este paradoxo não é acessível à lógica, pois não é um enigma intelectual; trata-se do só e único Mistério. Apesar da aparente incoerência da questão (e da resposta), os Loucos do Real esperam e procuram obter esta quintessência, que é essência e totalidade ao mesmo tempo. Querer, contra toda a razão, fora de toda a razão, aceder ao que não tem e nunca terá acesso é pura loucura. Loucura do puro, talvez, mas, ainda assim, loucura!

Os indivíduos da corrente sabem-no bem: não vale a pena matar a cabeça com isso; seria utopia, perda de tempo, sinal de inadaptação à realidade, prova de não-maturidade psicológica, e, além disso, a vida desses buscadores não é, aparentemente, diferente da dos outros indivíduos (tirando essa pequena tara...).